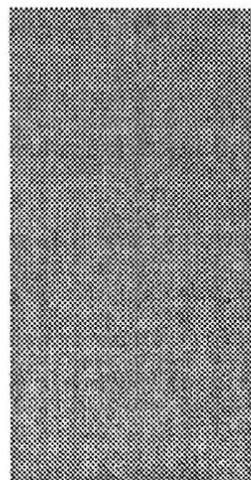


*Aldo Vannucchi ( \* )*

***Educação, cultura e ecologia:  
Uma visão interdisciplinar (\*\*)***

(\*) Reitor da Universidade de Sorocaba.  
Mestre em Filosofia pela Universidade Gregoriana -  
Roma

(\*\*) Conferência proferida em 30.7.96, em  
Sorocaba, na abertura do Congresso de Educação,  
Cultura e Ecologia, realizado pela Prefeitura  
Municipal.



**RESUMO**

O autor apresenta, nesta conferência, uma reflexão sobre como pensar interdisciplinarmente a Educação, a Cultura e a Ecologia, no âmbito municipal, com o objetivo de criar e desenvolver programas e ações institucionais nessas três áreas.

**ABSTRACT**

*In this lecture the author presents a reflection as how to think Education, Culture and Ecology in an interdisciplinary way, within municipal range, with the objective to create and develop programs and institutional actions in these fields.*

## **I - Introdução**

À primeira leitura, este Congresso pode parecer fadado à festividade, à dispersão, ao indefinível. Quer tratar, em três dias, de Educação, Cultura e Ecologia, três searas imensas a perder de vista.

Na verdade, porém, essa amplíssima trindade não é o seu tema direto e preciso. Este Congresso, acredito eu, não pretende esquadrihar todos os caminhos e descaminhos dessas três áreas nem quer reduzi-las, artificialmente, a determinados tópicos mais densos e problemáticos. Não. O tema deste Congresso se explicita mesmo é no seu objetivo: que a comunidade municipal crie e desenvolva programas e ações institucionais nessas três áreas, numa visão interdisciplinar.

Não existe uma superabordagem e muito menos uma superciência que englobe e explique Educação, Cultura e Ecologia. O possível e o necessário é enfocá-las de forma interligada e interativa, para enquadrar os problemas e as potencialidades dessas áreas na dimensão municipal, convocando e confrontando as perspectivas de especialistas de diferentes formações de par com o conhecimento fragmentado mas sábio do cidadão comum. E isso é interdisciplinaridade.

Assim, este Congresso, pelo tema e pelo objetivo, revela-se muito prático. Não prático-simplista. Mas prático-político, ou seja, quer tratar interdisciplinarmente da Educação, da Cultura e do Meio Ambiente, dentro da realidade local, sugerindo-lhe formas conseqüentes de poder, de gestão democrática, de relações públicas, nas três áreas mencionadas.

## **II - Disciplina, disciplinaridade, disciplinarismo**

Mas fica ainda uma questão preliminar: - Por que a interdisciplinaridade aparece como a tônica deste Congresso? E a resposta é simples. Para desvendar o mistério da pessoa humana e a realidade do mundo, não basta uma única ciência e nem será suficiente reunir cientistas de todos os matizes. A Educação, por exemplo, não se explica e não se constrói só com a Pedagogia; não se faz Cultura só com a Antropologia e a compreensão do Meio Ambiente exige conhecimentos de Biologia, Geografia, Geologia, Química e tantos outros. Como filosofava o jagunço Riobaldo: "A cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a

gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total". (ROSA, João Guimarães, "Grande Sertão: Veredas", p. 294, 2ª ed., 1958)

"Aumentar a cabeça para o total" - eis o problema que a interdisciplinaridade tenta enfrentar. O que é esse total? É tudo: o ser humano, a natureza, todas as ciências, o universo e a partícula subatômica, o micro e o macro, o tangível e o intangível, o tempo e o espaço, a luz e a sombra, o sorriso e a lágrima, o trabalho e o ócio, os sonhos mais lindos e as mais avançadas tecnologias.

Esse tudo a Filosofia condensa no binômio EU - NÃO EU. Eu existo e a consciência disso é a consciência simultânea do não eu. Eu não apenas sou, mas também estou. Estar é situar-se, imergindo e emergindo num oceano de realidades circunstantes. Todo eu é um eu porque tem consciência de outras realidades que o impregnam como sua pele inseparável, mas distinta dele.

Nesse dueto cósmico do eu com o não eu não há dependência nem independência absolutas. Prevalece a relatividade. Não nos fazemos sem o mundo e aí se desenrola todo o processo formal e informal da Educação. Mas podemos também transcender o mundo e transformá-lo e aí surge a Cultura, como também podemos tentar dominá-lo pelo trabalho e pela técnica e aí se desencadeiam inúmeros problemas ecológicos.

Em resumo, entre o eu e o não eu; entre a pessoa que se constrói no dia-a-dia e o mundo que está aí, inconcluso e desafiante, pulsa uma relação dialética de permuta. Cabe a nós a tarefa permanente de dar sentido a esse universo ou de lhe captar o sentido tantas vezes oculto. É nesse contexto que acontecem a Educação e a Cultura e despontam a Religião, a Filosofia, a História, a Política, todas as Ciências, inclusive a Ecologia.

E aí brota de novo a pergunta: - Se a cabeça da gente é uma só e as realidades são tantas, são tantas as Ciências, tantos os meandros da área educacional, cultural e ambiental, como ser gente, como ser eu no meio desse colossal não eu? Como "aumentar a cabeça para o total"?

A resposta mais formalizada a esse desafio é a Educação, corporificada na Escola, onde contracenam, há séculos, duas figuras principais: o docente e o discente, o mestre e o discípulo.

Ora, quem fala em discípulo está, etimológica e historicamente, navegando nas águas das disciplinas. Discente, discípulo, disciplina são palavras ligadas ao mesmo verbo latino "discere" = aprender.

Na concepção tradicional, aprende-se por meio da disciplina, entendida como observância de normas, ou como ramo de conhecimento, como matéria escolar.

Foi assim que a disciplinaridade se erigiu como caminho obrigatório a quantos quisessem conhecer o real, em todas as suas modalidades e representações.

Cabeças privilegiadas construíram sumas e enciclopédias monumentais, mas o saber humano quanto mais crescia tanto mais se ramificava, ainda que, de tempos em tempos, uma que outra ciência pontificasse hegemonicamente, tal como a Teologia na Idade Média; a Filosofia, nos séculos XVI e XVII; a Física, no século passado e a Biologia, neste século.

Da disciplinaridade para o disciplinarismo a passagem foi inevitável. Tanto na escola fundamental como na universidade, firmou-se o império do fragmentário, que veio culminar neste século com o nascimento não só de novas ciências, mas sobretudo com a tendência incoercível à especialização dentro de cada ciência.

É nessa moldura histórica que o conhecimento humano veio a se sentir pequeno demais diante da massa de informações armazenadas sobre o mundo em geral e sobre ele próprio. Sujeito e objeto do conhecimento, o ser humano, enredado em mil condições objetivas limitadas e limitantes, convenceu-se do descompasso entre as instituições de ensino e a necessidade de desvendar o real. Algo precisava mudar. E a expressão mais forte dessa necessidade de mudança foi a explosão do movimento universitário mundial, de 68 em diante, no auge da contestação à sociedade capitalista, contra o tradicionalismo da universidade, imobilizada nas suas disciplinas estanques e nos seus conteúdos superados e irrelevantes.

Seria simplista afirmar que a disciplinaridade foi a causa única da estagnação da escola. A verdade é, porém, que se pôs em cheque o disciplinarismo e, à crítica ao funcionamento escolar vigente e ao lugar do saber no capitalismo, seguiu-se o apelo à interdisciplinaridade, como proposta de superação da especialização excessiva, de um lado, e como meio de vincular o conhecimento à prática social, de outro.

### **III - O que é interdisciplinaridade?**

Procurando ser direto e atento ao objetivo desta sessão de abertura, quero deixar claro que rejeito a interdisciplinaridade como modismo verbal. Vejo-a como o nexos intencionalmente procurado e estabelecido entre duas ou mais disciplinas, em busca de um enriquecimento cognitivo comum, sem que nenhum dos interlocutores perca sua marca específica.

“Numa ação interdisciplinar as partes envolvidas dão-se as mãos, movimentam-se juntas como num balé, voltadas para o tema central. Aproximam-se, afastam-se; interpelam-se, respondem-se; ora se exhibe o solista, ora se impõe o coro. O essencial da interdisciplinaridade consiste em se produzir uma ação comum, mantendo cada participante o que lhe é próprio”.

(COIMBRA, José de Ávila Aguiar. "O outro lado do meio ambiente", SP, CETESB, 1985, p. 178).

A abordagem interdisciplinar da Educação, da Cultura e da Ecologia neste Congresso, por exemplo, exige que se exponha, inicialmente, a visão peculiar das disciplinas envolvidas no tema, seguindo-se a busca dos pontos convergentes, privilegiando os acentos comuns, mas sem eliminar as diferenças. Para discutir Educação, Cultura e Ecologia, o Pedagogo continuará apoiado na Pedagogia, o Antropólogo na Antropologia e o Ecólogo na Ecologia, mas os três deverão estar convergindo para o mundo em que vivem e que precisam conhecer e transformar. Vem a propósito aqui a estória de "dois adversários famosos em que um era cego e o outro, coxo. Numa vicissitude qualquer que atingiu igualmente os dois, ambos se sentiram em perigo sem poder safar-se dele: um porque não podia andar, o outro porque não podia ver. A solução do bem senso foi o cego carregar o coxo: quem não enxergava emprestou as pernas; quem não andava emprestou os olhos; e assim os dois se entenderam, confraternizaram-se e se salvaram. No entanto, o coxo continuou coxo e o cego, cego". (COIMBRA, *ibidem*).

Fica assim evidente que a interdisciplinaridade não acontece sem o domínio pleno das disciplinas em questão e o respeito pela identidade de cada uma. Do contrário, iremos cair na cultura do disfarce e da conciliação a qualquer preço, no diálogo barato que um autor chamou de "sopão metodológico ... mera soma de indivíduos aleatoriamente distribuídos nas diversas ciências e/ou disciplinas" (JANTSCH, Ari Paulo & BIANCHETTI, Lucídio, "Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito". Petrópolis RJ: Vozes, 1995, p. 17).

Aliás, falando com precisão, a interdisciplinaridade não é a metodologia do ecletismo e nem metodologia ela é propriamente. Precisamos entendê-la e praticá-la como perspectiva de trabalho, como princípio de investigação e criação do saber novo, "princípio da compreensão da ciência para o próprio cientista, da compreensão de seus pressupostos e dos seus limites" (ETGES, Norberto J., in "Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito", *opus cit.*, p. 74), impulsionando-o à busca de novos horizontes.

#### **IV - Pensar Sorocaba interdisciplinarmente**

Interdisciplinaridade é conhecimento e ação. É reflexão crítica e compromisso de mudança. Por isso, este Congresso não visa ao enfrentamento teórico do disciplinarismo, mas à explicitação de um enfoque interdisciplinar científico, prático, profissional e escolar (Divisão proposta por Yves Lenoir) da Educação, da Cultura e da Ecologia, através de projetos reais e concretos. Educação, Cultura

e Ecologia não representam aqui bonitas etiquetas de prestigiosas mercadorias. Nelas se estriba a própria existência de cada pessoa e o eixo estruturador do exercício diário de sua cidadania.

Educação, Cultura e Ecologia são questões políticas essenciais e, por isso, polêmicas. Seríamos ingênuos, senão facciosos, se pretendêssemos estudá-las só com belos discursos e generosas intenções, esquecidos de que vivemos numa sociedade de classes, num mundo capitalista, onde as idéias dominantes são as das classes dominantes; onde a alienação e a exclusão acompanham e marcam não só a construção da nossa vida material, mas também de nossa consciência social.

É necessário, pois, que deste Congresso nasçam programas de ação interdisciplinar na prática pedagógica, cultural e ecológica do município. Deverá ficar claro que a escola, em todos os seus níveis, há de ser um centro comunicante e provocador da cidade. A escola não é campo neutro nem autônomo dentro do universo municipal e a sala de aula o espaço da satisfação, não da repressão; da humildade, não da arrogância; da cooperação, não da solidão; do questionamento, não da reprodução. (Cf. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, "Interdisciplinaridade - Um Projeto em Parceria", São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 83). Intencionalmente fincada na interdisciplinaridade, a nossa Educação, em diálogo com a Cultura e a Ecologia, criará, por certo, condições de melhor cidadania e de mais democracia. A Cultura, por sua vez, não pode continuar sendo assunto de alguns poucos idealistas nem mero entretenimento de amadores ou de falsas elites. Se Cultura, no fundo, é tudo aquilo que concretiza a ação humana sobre a natureza, Sorocaba pode e deve, com o olhar diversificado mas convergente dos especialistas e do cidadão comum, repensar e valorizar ao máximo seu precioso patrimônio histórico espiritual e material; sua vocação para o serviço, para o comércio, para a troca, para o além-fronteira, na trilha dos seus bandeirantes, dos seus tropeiros, da sua estrada de ferro, da sua indústria têxtil; seu jeito simples e amigo de acolher o forasteiro, compatriota como Feijó ou estrangeiro como Mailaski; suas festas e tradições; suas artes e seus esportes. Ao invés de ficarmos lamentando a atual shoppingmania, por que não potencializar os espaços em moda para uma ação cultural interprofissional, que prestigie nossas raízes e interesse a toda a comunidade, despertando nos jovens a descoberta de uma Sorocaba maior que uma avenida de bares e choperias?

Mas as luzes deste Congresso querem se projetar também sobre o Meio Ambiente, junto com a Educação e a Cultura. Aniversariando nos próximos dias, nossa cidade tem muito o que fazer em Ecologia. Pela certidão de nascimento, somos, sem dúvida, uma cidade velha e para comprová-lo aí está o querido Mosteiro de São Bento, tombado e quase tombando! Aí está a estreita

e trissecular malha viária do nosso centro urbano. Mas a Educação, a Cultura e a consciência ecológica, interdisciplinarmente acionadas, podem fazer dos nossos 342 anos não o atestado de uma velhice decrépita, mas sim o termo de compromisso de um povo esclarecido que valoriza, defende e promove sua ambiência de vida; que luta por uma cidade mais limpa, mais desentulhada, mais gostosa de se ver e viver. Uma cidade que saiba controlar, criteriosamente, a tecnologia das suas indústrias atuais e futuras; uma cidade com melhor qualidade de vida; com sua Lei Orgânica mais conhecida e mais vivenciada; com um Plano Diretor à altura dos novos tempos; com um orçamento elaborado com a participação do povo e que consolide seus anseios prioritários, com uma proposta rigorosamente cumprida para a despoluição do seu velho rio e a preservação, melhoria e aumento dos seus parques e jardins.

## **V - Conclusão**

Tenho consciência nítida de que estas minhas reflexões, na abertura deste Congresso, trazem uma carga pesada de pretensão e de tensão.

Pretensão, porque todo o discurso da interdisciplinaridade só tem validade efetiva se espelhar fielmente a concretude do processo histórico da sociedade em questão, nas suas possibilidades e nos seus limites. Creio, no entanto, que essa pretensão não é descabida. Se este Congresso dura apenas três dias, teremos, para lhe dar continuidade e cobrança, os nossos competentes Conselhos Municipais de Educação, de Cultura, de Patrimônio Histórico e de Defesa do Meio Ambiente, que, nos próximos anos, terão, sem dúvida, muito mais visibilidade social e administrativa, pelo peso dos seus pareceres e pela oportunidade de suas intervenções.

Felizmente, porém, a temática deste Congresso acarretará uma enorme tensão também. Tensão dos debates, tensão entre saber científico e saber comum, tensão entre o hoje que não nos satisfaz e o amanhã que sonhamos construir. Será péssimo se estes dias levarem à homogeneização dos participantes do Congresso, todos monocordicamente nivelados na mesma linguagem, todos se auto-enganando, como se conferências, mesas-redondas, minicursos e debates já trouxessem a solução dos nossos problemas educacionais, culturais e ambientais.

Sabe-se que o pior professor é o que se limita a simplesmente dar aulas e exames. A beleza e a força do seu mister reside em provocar perguntas, muito mais do que em oferecer respostas. Assim também, que a interdisciplinaridade, idéia-guia deste Congresso, provoque e lance muitos questionamentos que venham reoxigenar nossa cidade, numa permanente reinvenção da democracia.

---

No fundo, este Congresso é sobre o futuro de Sorocaba. Está na hora de compreender que o poder, máxime o poder público municipal, pode e deve constituir-se numa instância de muitos e diferentes parceiros, atuando através da cidadania organizada.

O presente e o futuro da nossa cidade não podem ser vistos e planejados monocularmente. Precisamos pensá-los com os olhos sábios dos doutores e do povo, das crianças e da terceira idade, com olhos masculinos e femininos, com o olhar do branco e o olhar do negro, com o olhar dos deficientes e dos desportistas. “É preciso romper com o olhar padrão”. (GUATTARI, Félix, “Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade”, in *Tempo Brasileiro*, nº 108, p. 23)

Se, através deste Congresso, o poder público, os nossos meios de comunicação, os organismos profissionais, as igrejas, as associações populares, a nossa UNISO e as escolas de todos os níveis assumirem a interdisciplinaridade como princípio de reflexão e compromisso de trabalho, teremos dado um dos passos mais eficazes por uma cidade melhor. E poderemos bradar, no início e no fim deste Congresso: - Valeu, Sorocaba!